



O ESPAÇO DO SER HUMANO: ALGUNS PROLEGÔMENOS SOBRE O ESPAÇO VIVIDO E/OU EXPERIENCIAL NO ÂMBITO TEOLÓGICO E ECLESIOLÓGICO

Éder Beling¹

Dr. Júlio César Adam²

Resumo:

O presente artigo introduzirá a alguns pontos importantes a discussão em torno do conceito de espaço e de espaço sagrado dentro do âmbito teológico e eclesiológico. Como esta área abrange uma grande interdisciplinaridade, a proposta aqui é introduzir ao campo teológico e eclesiológico problemas e discussões acerca das questões do espaço e da espacialidade humana através do viés do espaço vivido (Bollnow, Otto F. "O Homem e o espaço") e do espaço experiencial (Tuan Yi-Fu. "O espaço experiencial") e revelar algumas formas usuais de como este espaço vivido e experiencial está inserido dentro da teologia, da igreja e, sobretudo, na relação das pessoas (membros, fiéis, crentes) com o espaço – seja ele considerado sagrado ou não. Serão abordados temas como a casa, o corpo, a orientação através do espaço e o espaço sagrado. Este artigo é apenas um esboço de um trabalho maior, portanto, as informações aqui contidas são uma pequena e discreta reflexão sobre o assunto.

Palavras-chave: Espaço vivencial, espaço experiencial, espaço sagrado, ser humano, relação.

Considerações Iniciais

Em agosto de 2010 embarquei rumo a uma experiência que enriqueceu minha vida acadêmica e direcionou o meu estudo para o âmbito da ciência litúrgica, em especial para o âmbito da arquitetura eclesial, além de áreas afins como a arte, a liturgia, a arquitetura, os espaços litúrgicos etc. Ao longo de um ano pude acompanhar aulas na Faculdade de Teologia da Universidade de Leipzig na Alemanha, com o auxílio da Gustav Adolf Werk (Obra Gustavo Adolfo). Em aulas como, por exemplo, *Der gottesdienstliche Raum* (O espaço do culto), *Evangelische Gottesdienst Heute* (O culto protestante hoje) e *Liturgisches*

¹ Mestrando em Teologia na Faculdades EST, bolsista do CNPq, ederbelling@gmail.com. Sob orientação do Prof. Dr. Júlio César Adam.

² Doutor em teologia, professor na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, julioadam@est.edu.br.

Handeln (Ato litúrgico) pude perceber a importância e a sensibilidade com a qual o tema é abordado na Universidade e na Igreja Evangélica da Alemanha.

Na volta ao Brasil, era hora de colocar em prática e exercitar academicamente o que havia aprendido ao longo da estada e do estudo na Alemanha. Em conversa com o professor Dr. Júlio César Adam dei início à pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso que versou sobre “*O espaço sagrado: Em busca de sentido da e na construção do espaço eclesialístico*”. Deste trabalho resultou a ideia de poder contribuir academicamente para o âmbito pesquisado junto à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Com a ajuda e o suporte acadêmico do professor que me orientou no TCC e a ajuda financeira do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) iniciei a pesquisa junto à Pós-Graduação da Faculdades EST, que resultou no primeiro trabalho que apresentei no Salão de Pesquisa da Faculdades.

Este artigo versará sobre a importância que o espaço sagrado possui ao longo da vida do ser humano, buscando entender de que forma se dá a relação vivenciada e experiencial do ser humano com o espaço. Ao longo do artigo são abordados temas como a espacialidade e entendimento desta pelo ser humano e a relação espaço-tempo que envolve a vida e âmbito dela, além de temas como o lugar que o ser humano ocupa no mundo e como este forma o centro referencial de sua vida, ou seja, o centro do mundo. Abordar-se-á temas como o corpo, a casa, a rua e a igreja, bem como suas diferentes funções dentro do espaço sagrado. Finaliza-se com o questionamento se o espaço é deveras mais sagrado ou mais humano, ou seja, quem possui a necessidade de separar o espaço entre sagrado e profano.

1 “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1)³ e o tempo

A Bíblia inicia com o seguinte versículo: “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*” (Gn 1.1), ou seja, o espaço, mas também o tempo. Assim, dá-se início ao primeiro ponto controverso, desafiador, inquietante e intrigante que trata do debate a respeito da criação do mundo, ou mais precisamente, a criação do espaço e do tempo, ponto fundamental para este trabalho.

³ GÊNESIS. In: BÍBLIA de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 18.

Aqui vale uma explicação: o conceito de espaço-tempo perpassa toda e qualquer pesquisa científica, vivência e experiência humana⁴, ou seja, o ser humano não é um ser atemporal e “aespacial”. Ele participa do espaço, está no espaço, influencia e é influenciado pelo espaço, da mesma forma que recebe influência da história, participa da história e influencia gerações futuras; história como sendo o tempo de vida do ser humano. Não há aqui uma categoria que se sobreponha à outra, as duas – o espaço e o tempo – são de fundamental importância para o ser humano.

De uma visão antropológica pode-se afirmar que espaço e tempo são fundamentais para a vida do ser humano. Sem eles, nada se faz. Sem o espaço não se vai a lugar algum. Sem o tempo a vida humana não prosseguiria, se é que existiria, pois não se viveria nem no passado, nem no presente e nem no futuro.

A discussão, ao longo deste artigo, se dará principalmente em relação ao espaço. Este pode ser interpretado sob diferentes óticas: do matemático-físico⁵, da espacialidade⁶, ou do espaço vivenciado/vivido/vital/experiencial.⁷ Estas três formas de interpretação do espaço, como a forma de construir (espaço geométrico), o espaço vivenciado ou experiencial e a espacialidade são diferentes visões a respeito do mesmo espaço. No entanto, para fins de análise ao longo deste trabalho não ficaram bem explícitas as diferenças entre uma ou outra, mas se dará um foco especial para a questão do espaço vivenciado e da espacialidade. A perspectiva do espaço desde a vivência humana é importante porque “a espacialidade da vida humana corresponde ao espaço vivenciado pelo homem e vice-versa, e eis aqui uma forte correlação”.⁸

⁴ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 3. Tuan afirma que, “tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivido, nós os admitimos como certos”. Lugar aqui como espaço onde se dão as experiências e vivências do ser humano. MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 116. CASSIRER, Ernest. *Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972. p. 75. Segundo o autor: “O espaço e o tempo são o arcabouço que sustenta toda realidade. Não podemos conceber coisa alguma real senão sob as condições do espaço e do tempo.”

⁵ BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 16-20.

⁶ BOLLNOW, 2008, p. 20.

⁷ BOLLNOW, 2008, p. 16-20.

⁸ BOLLNOW, 2008, p. 22.

O espaço experiencial e vivido vai para além do ser humano, está voltado principalmente “para o mundo exterior”.⁹ Essa experiência é “constituída de sentimento e pensamento”.¹⁰ Ou seja, existe uma complementaridade entre emoção e razão, como um “*continuum* experiencial, e ambos são modos de conhecer”.¹¹ O conceito espaço experiencial, remete mais a uma “experiência do/no espaço”, tendo um caráter subjetivo e psíquico, sendo que o importante é “o espaço concreto real, no qual acontece a vida”.¹²

Para fins de conceituação ao longo do trabalho optar-se-á por usar, ora espaço experiencial, ora vivenciado ou ambos. Tendo em vista que ambos remetem a um caráter abrangente, pois isto se dá pelo simples fato do ser humano não conseguir simplesmente viver num espaço concreto sem criar certa *ligação* com este espaço, ou seja, sem atribuir a ele significado. Exemplificando esta questão poderíamos falar que: essa ligação especial com o espacial pode ser caracterizada por aquele espaço significativo no qual se brincava quando criança, no local do primeiro beijo, do batizado, etc.¹³

Portanto, este espaço adquire significado e atributos. Segundo Eliade, este espaço com o qual se mantém uma ligação espacial torna-se para o ser humano um espaço sagrado, um espaço que não é qualquer espaço, mas um espaço com uma história e um sentimento de pertença. Isso em contraste com o espaço profano, ou seja, homogêneo, não habitado pelo ser humano.¹⁴ Sobre este espaço sagrado ou mítico Bollnow afirma que, na atualidade as pessoas quase não sentem mais a influência sagrada ou mítica através do espaço vivenciado, mas, ainda resistem e existem certas experiências, agradáveis ou não, como as de um lugar ou espaço privilegiado que, “de modo [...] geral escapa de nossa atenção”¹⁵ e de onde o ser humano recebe “frutíferas pistas das manifestações mais evidentes da compreensão mítica de espaço”.¹⁶

⁹ TUAN, 1983, p. 10.

¹⁰ TUAN, 1983, p. 11.

¹¹ TUAN, 1983, p. 11.

¹² BOLLNOW, 2008, p. 17.

¹³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 28. Segundo o autor, para o ser humano não-religioso essa experiência e comportamento cripto-religioso do espaço continuam válidas. Cf. ELIADE, 2011, p. 28.

¹⁴ ELIADE, 2011, p. 26ss.

¹⁵ BOLLNOW, 2008, p. 74.

¹⁶ BOLLNOW, 2008, p. 74.

3 Espaço e lugar

Tendo firmado esta concepção de espaço, como algo mais abrangente, percebe-se que o espaço “contém” locais ou lugares. O que poderiam ser esses locais? Uma categoria diferente de espaço? A princípio não.

O ser humano não consegue habitar o espaço todo, pensando a partir de um único ser humano, que como a física diz: o mesmo corpo não consegue habitar/estar em dois locais ao mesmo tempo. O local, portanto, é um espaço privilegiado, um lugar no qual o ser humano se envolveu/experimentou/vivenciou de forma diferente.

Um exemplo para esclarecer essa afirmação: as crianças possuem noções básicas a respeito do espaço-tempo. No entanto, elas desenvolvem um sentimento em relação a determinados locais que foram integrantes e fundamentais ao longo de seu crescimento. Quando adulta, se esta criança continuar morando ou vir a se mudar de uma cidade, ela terá um sentimento especial em relação ao local que foi importante ao longo do seu crescimento¹⁷ tendo um sentimento de pertença e história. Por isso:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.¹⁸

Além disso, pode se afirmar que o primeiro local que a criança tem e reconhece é a mãe. A mãe é o primeiro “centro de valor, de alimento e apoio”.¹⁹ Assim, a criança irá desenvolver, ao longo do seu crescimento, um sentimento em relação às localidades.²⁰ Essas localidades, que como descrito no exemplo acima podem se referir a um lugar importante, mas também a pessoas que possuam relação com a criança; são entendidas pelas crianças como lugar seguro, assim sendo, ao longo do seu desenvolvimento seus pais são, em geral, um local seguro, local no qual elas podem se “esconder” e “achar abrigo” em momentos de medo.

Por outro lado, agora com outro exemplo, se uma criança for perguntada sobre o motivo pelo qual um adulto contempla certo lugar ou paisagem, Tuan

¹⁷ TUAN, 1983, p. 37.

¹⁸ TUAN, 1983, p. 6.

¹⁹ TUAN, 1983, p. 32.

²⁰ TUAN, 1983, p. 33-34.

nos diz que, “as crianças pequenas, tão imaginativas em suas esferas de ação, podem olhar prosaicamente para os lugares que aos adultos lhes trazem tantas recordações.”²¹ Ou seja, as crianças pequenas não conseguem discernir os estados de espíritos (sentimentos) que o ser humano adulto sente em relação aos locais que eles contemplam e também não conseguem ainda atribuir-lhes um significado – este processo ocorre somente posteriormente. Portanto, as relações que os seres humanos constroem com o espaço são relações pessoais e individuais (não individualistas), mas também podem ser ações coletivas, mas não podemos esquecer que cada ser humano observa e interpreta o espaço a partir de sua vivência e experiência.

Entrementes, os pais são para a criança o centro do mundo, um lugar seguro, da mesma forma a criança sente isso em relação ao berço ou à cadeirinha do bebê. No entanto, ao passo que crescem, o horizonte geográfico se expande, ou seja, as crianças começam a reconhecer determinados lugares: uma igreja, a casa do vizinho, a mercearia, a escola, etc. Por vezes, elas não conseguem reconhecer isso como sendo parte de algo maior, como de uma cidade, por exemplo. Mas, a partir das séries iniciais (cerca dos cinco anos), quando as crianças estão na escola,

[...] seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando para o bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando a região. Na idade de cinco ou seis anos, a criança pode demonstrar curiosidade sobre a geografia de lugares remotos.²²

Percebe-se, com os exemplos acima, como se dá a fixação em um determinado ponto ao longo do crescimento e do desenvolvimento da criança. Ao longo da vida o ser humano organiza e estrutura seu espaço a partir de centros, estes se tornam o “Centro do Mundo”,²³ ou seja, o centro referencial para o ser humano. Quando ele sai para trabalhar, ao fim do expediente ele tem que retornar, e geralmente, o ser humano retorna para a sua casa, neste caso, o seu centro do espaço, que segundo Bollnow, gira em torno do partir e do regressar à (sua) casa, sendo ela um ponto referencial no espaço.

²¹ TUAN, 1983, p. 38.

²² TUAN, 1983, p. 35.

²³ ELIADE, 2011, p. 26. Para Eliade este ponto fixo (Centro do Mundo) possui caráter religioso, já que o ser humano precisa identificar um centro orientador, sem que nada se faça antes de se adquirir tal centro.

De nenhuma forma, isso elimina a forma do ser humano se relacionar com o espaço e/ou com o espaço sagrado, que como veremos o (seu) corpo pode ser entendido como espaço (centro do espaço). Por vezes, o ser humano não se considerará um ponto referencial, nem mesmo considerar-se-á como um espaço, o qual o corpo humano também é, como será visto a seguir.

Sobre o espaço sagrado e a multiplicidade de centros, Eliade afirma que, "a multiplicidade, até mesmo a infinidade dos Centros do Mundo não traz[em] quaisquer dificuldades para o pensamento religioso"²⁴. Deve-se ter em vista que, o que está em jogo através desta relação espacial não é tanto o espaço geométrico (matemático) e delimitado, mas o espaço em sua forma simbólica de entendimento.

4 Orientação através do corpo²⁵

O (meu) corpo enquanto espaço, na maioria das vezes, não é reconhecido como tal, sendo muitas vezes um não-espaço ou um não-lugar, um espaço pouco perceptível. O corpo seria como o marco zero para se medir a distância entre dois pontos. A partir dele se medem todas as distâncias, mas ele enquanto espaço não é incluído na medição. O corpo, enquanto espaço, é perceptível apenas fora dele, mesmo que dentro dele haja certa distância entre cada órgão. Somente em alguns casos o percebemos como um espaço. Isso acontece geralmente quando o ser humano sente dores ou está doente, ou mesmo quando está com muita fome e diz: "*tenho um buraco no estômago*", uma metáfora espacial.²⁶

Esse reconhecimento e não-reconhecimento do corpo por parte do ser humano como espaço, leva a uma interpretação de cunho teológica. Bollnow fala de uma "encarnação como maneira de ter o corpo". Para ele, o ser humano não "tem" o seu corpo, como "tem" uma propriedade (casa, apartamento, carro, etc.). Isso porque somente a morte pode separar o ser humano de seu corpo, assim, de "algum modo o homem 'é' seu corpo".²⁷ Essa "encarnação" é a "situação de um ser que se mostra como que ligado a um corpo".²⁸ Poder-se-ia

²⁴ ELIADE, 2011, p. 54.

²⁵ BOLLNOW, 2008, p. 303ss. TUAN, 1983, p. 39ss.

²⁶ BOLLNOW, 2008, p. 306.

²⁷ BOLLNOW, 2008, p. 307.

²⁸ BOLLNOW, 2008, p. 308.

ainda dizer que, o “habitar ‘em’ alguma coisa significa estar nele encarnado”²⁹, como na passagem do evangelho de João 1.14.³⁰ O ser humano habita no corpo, o qual ele não pode simplesmente abandonar, a pessoa sadia cuida bem do seu corpo; além de metaforicamente o ser humano transferir esse mesmo sentimento à casa, pois quando dentro dela, o ser humano sente-se parte indissolúvel dela e cuida bem daquilo que a ele pertence.

Além disso, o corpo humano é uma figura bíblica bastante usada para se falar sobre a divisão dos dons e da organização da Igreja de Cristo. O corpo recebe por Paulo grande ênfase na Primeira Carta aos Coríntios 12, mas não só. Na Bíblia,

O corpo é veículo fundamental da expressão humana, elemento constitutivo das relações sociais, políticas, culturais e religiosas. [...] A importância do corpo é afirmada no cristianismo quando a divindade se faz corpo [...].³¹

O corpo há muito tempo vem sendo usado como exemplo para se entender o espaço vivido. Já em Aristóteles tem-se o corpo como medida e guia para o espaço vivido. A primeira percepção que o ser humano tem o leva a ver/sentir que o espaço é guiado por seis direções. Essas direções são basicamente: “o acima e o embaixo, o à frente e o atrás, o à direita e a esquerda”.³² Claro, o à direita e à esquerda, o à frente e o atrás podem variar de pessoa para pessoa e de onde elas se encontram, por isso, essa orientação é por vezes subjetiva. Mas o acima e abaixo são categorias fundamentais, pois eles sempre serão no mesmo lugar.³³

5 O significado através do espaço sagrado

Também o espaço sagrado foi influenciado pelo ser humano, e o leste obteve neste processo primazia. Nas representações de mapas medievais, o mapa do mundo, representado, sobretudo, na tradição cristã através da figura de

²⁹ BOLLNOW, 2008, p. 307.

³⁰ “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. JOÃO. In: BÍBLIA, 2006, p. 138.

³¹ DEIFELT, Wanda. Corpo/corporalidade/corporeidade. In: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 203.

³² BOLLNOW, 2008, p. 28.

³³ BOLLNOW, 2008, p. 27-29.

Jesus Cristo, tinha como centro do mapa e centro do corpo a cidade de Jerusalém; a cidade era tanto o centro do mapa, quanto o umbigo através da representação humana. Os pés indicavam o pôr do sol, lugar da escuridão e dos demônios. A mão direita ficava sobre a Europa e a mão esquerda sobre a África, a cabeça de Jesus Cristo representava o leste, local do nascer do sol.³⁴ Além disso, a tradição cristã sempre guiou e construiu seus espaços de culto (espaços sagrados) com o altar na direção de onde o sol nasce. Chama a atenção que hoje em dia quase ninguém sabe que a palavra oriente, do qual deriva a palavra orientar-se significa literalmente: “[...] determinar a direção em que nasce o sol [...]”.³⁵ Ainda há culturas que são orientadas pelo leste/oriente. Os pomeranos no Estado do Espírito Santo são em grande medida influenciados pela orientação do sol nos seus cemitérios e as sepulturas são orientados pelo sol, como também suas igrejas.³⁶

Outra curiosidade já discutida desde o tempo de Aristóteles é a relação do ser humano com a orientação, nesse caso, especificamente o acima e o abaixo. Dentro da teologia e da igreja, estas duas orientações principais estão repletas de significado. O acima sempre é lugar da revelação divina, local da morada de Deus, para onde os bons vão quando morrem, assim, a Bíblia também corrobora este fato, como no Salmo 122ss:

*Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra. [...].*³⁷

Além de tais metáforas espaciais estarem presentes na Bíblia, inúmeros hinos também reverenciam a presença de Deus nas maiores alturas, como no caso do *Glória in Excelsis* cantado na liturgia do culto: “Glória, glória, glória a Deus nas alturas. Glória, glória, paz entre nós, paz entre nós.”³⁸

Assim, podemos afirmar com Tuan que:

³⁴ TUAN, 1983, p. 108.

³⁵ BOLLNOW, 2008, p. 67.

³⁶ “[...] As sepulturas pomeranas, que são um detalhe à parte, são todas direcionadas ao nascente do Sol, todas perfiladas como num grande dormitório, existindo uma perfeita simetria do espaço. [...]”. CUNHA, Gladson Pereira da. A simbologia mortuária pomerana: simbolismos e significados dos elementos componentes dos cemitérios pomeranos na região de Santa Maria de Jetibá. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 72-99, 2011. p. 85.

³⁷ SALMOS. In: BÍBLIA de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 658. (Grifo meu).

³⁸ BERTHIER, Jacques. Glória. In: IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Hinos do povo de Deus: hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Porto Alegre: IECLB, 2005. p. 346. (Grifo meu).

“Alto” (acima) e “baixo” (abaixo), os dois polos do eixo vertical, são palavras que na maioria das línguas transcendem o significado literal. Tudo que é superior ou excelente é elevado, associado com sentido de altura física. [...] Deus mora no céu. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, Deus foi às vezes identificado com o céu. Edwyn Bevan escreveu: ‘A ideia que considera o céu como a morada do ser Supremo, ou como idêntico a ele, é tão universal na humanidade como pode ser qualquer crença religiosa’.³⁹

6 A casa e a rua – e a igreja

A casa se encontra como uma das concretizações espaciais que adquirem significado através do corpo. Pode-se afirmar que a casa é entendida como o corpo, em que cada cômodo da casa funciona com um significado diferente, como no corpo, em que cada órgão possui uma funcionalidade diferente.⁴⁰

A casa possui profunda sintonia com o sagrado, com o numinoso, o íntimo e totalmente outro.⁴¹ Mas antes é preciso construir uma estrada, um caminho para chegar lá. Nesse sentido DaMatta define a rua como o ponto de ligação entre a casa e o outro mundo.⁴² A casa é para o ser humano um espaço de habitação que possui diferentes significados e funcionalidades para o ser humano, e o outro mundo é o mundo transcendente e imanente em que o ser

³⁹ TUAN, 1983, p. 43.

⁴⁰ Para maiores informações sobre o assunto: BELING, Éder. *O espaço sagrado: Em busca de sentido da e na construção do espaço eclesialístico*. São Leopoldo: EST, 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teologia). p. 9ss.

⁴¹ OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

⁴² “As festas permitem descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida. Todas as festas recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Assim, é na festa que tomamos consciência de coisas gratificantes e dolorosas. Que não podemos comparecer porque não somos da mesma classe social, ou mesmo porque não somos bons dançarinos, etc. No caso brasileiro, todas as solenidades permitem ligar a casa, a rua e o outro mundo. O carnaval liga casa, rua e outro mundo querendo e propondo a abertura de todas as portas e de todas as muralhas e paredes. Os ritos cívicos e religiosos fazem o mesmo, mas com propostas diferentes. Os rituais religiosos partem de locais sagrados, pretendendo ordenar o mundo de acordo com os valores que são ali articulados como os mais básicos. Nos ritos de ordem em geral, e nos rituais religiosos em particular, o comportamento é marcado pela contrição e pela solenidade que se concretizam nas contenções corporais e verbais. Tudo isso é salientado com precisão em todos os ritos da ordem onde a ideia de sacrificar o corpo pela pátria, por Deus ou por um partido político acaba se exprimindo pela noção de dever, de devoção e de ordem. O que contrasta com os rituais carnavalescos.” CARDOSO, Alianna Caroline Sousa. Resenha 2: O que faz o Brasil, Brasil?: essa e outras verdades do jeitinho brasileiro. Disponível em: <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?con_id=56>. Acesso em: 11 jul. 2013.

humano reconhece o que pertence ao mundo do totalmente outro, do numinoso, do sagrado.

Ao se observar as manifestações religiosas no Brasil percebe-se que a rua não é um espaço tão profano quanto se imagina. Pelo contrário, ela é um espaço, local no qual o sagrado também se manifesta. Para os católicos, em especial no feriado de Corpus Christi, a rua é local de apresentação/manifestação do sagrado. Neste feriado, católicos em todo o Brasil usam as ruas para criar enormes tapetes com motivos religiosos que servem como base para a procissão de *Corpus Christi*. A rua atua como ligação da(s) casa(s) com o espaço sagrado (a igreja). É por este tapete que o *corpo de Cristo* será carregado pelo padre e seus auxiliares e é aonde todos os fiéis irão passar até chegar à igreja. Lá será celebrada a missa e consagrada a hóstia que representa o corpo de Cristo, este permanecerá em meio à comunidade durante a celebração. Ou seja, se sai da igreja e se volta para a igreja com o tapete ligando o espaço de culto, rua e casa com o sagrado.

Contudo, DaMatta faz uma observação: não é possível unir diferentes significados (casa, rua, igreja), sem se criar algum tipo de problema⁴³. Assim, ao mesmo tempo em que casa, rua e igreja permanecem como espaços distintos, ao mesmo tempo, possuem uma ligação com o sagrado, como durante a procissão. Portanto, cada uma delas deve manter seu significado único. A casa continuará sendo casa, rua sendo rua e igreja sendo igreja. Mas não se pode negar que existe algo “entre as coisas”⁴⁴, ou seja, as três se mantêm de alguma forma unidas e diferenciadas.

E com certeza é interessante não atribuir um significado restritivo e/ou estritamente cristão à rua, até mesmo para se manter um possível diálogo com outras religiões. Brandt assim o retrata numa visita à Tanzânia:

Seja como for – em todo caso, no nível mais baixo da comunicação no cotidiano, na ‘estrada’, continuará havendo a possibilidade e o desafio do diálogo inter-religioso de pessoa para pessoa. Esse diálogo de religiões poderia começar da maneira como aprendi na Tanzânia. Lá, faz parte das perguntas naturais com as quais começa a comunicação – na parada de ônibus, p. ex., ou na sala de espera – não só a pergunta: De onde vens?, ou: Qual é teu trabalho?, mas também a pergunta: Qual é teu local de

⁴³ DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 41.

⁴⁴ DAMATTA, 1985, p. 21.

oração? E quem, então, pode responder e responde dá início ao diálogo das religiões.⁴⁵

7 Espaço sagrado ou espaço humano?

No livro de Rudolf Otto, *"O Sagrado"*, o autor inicia com uma instigante, provocante e, poder-se-ia dizer, controversa afirmação dirigida aos leitores de seu livro:

1. Convidamos aos leitores a evocar um momento de forte excitação religiosa, caracterizado o menos possível por elementos não-religiosos. Solicita-se que quem não possa fazê-lo ou não experimente tais momentos não continue lendo. Pois quem conseguir lembrar-se das suas sensações que experimentou na puberdade, de prisão de ventre ou de sentimentos sociais, mas não sentimentos especificamente religiosos, com tal pessoa é difícil fazer ciências da religião.⁴⁶

Essa citação de Otto pode transparecer que se está tentando ou realmente se está separando salvos e pecadores, juntos e injustos, puros e impuros, mas antes de qualquer coisa, se quer tentar com a ajuda de Rubem Alves⁴⁷ "trazer à luz", como uma mãe dá à luz uma criança, mostrar e demonstrar como até mesmo o mais secularizado, profano ou irreligioso entre tantos outros nomes que se poderiam dar ao ser humano que não tem fé em Deus, que em seu mais íntimo ser, ele tem algo de religioso.

O povo brasileiro lida diariamente com a religião, utilizando o refrão de uma música do grupo "Kid Abelha"⁴⁸, pode-se situar essa lida diária "Na rua, na chuva, na fazenda, ou numa casinha de sapê...", ou seja, em todos os lugares. Mas algumas categorias de Otto podem parecer estranhas, mesmo que se possa vir a ter tais sentimentos numinosos.

Esse sentimento, mas não somente sentimento, invade e transforma o ser humano, o faz se arrepiar/mudar/se transformar pelo "sentimento de criatura"⁴⁹, diante do "*mysterium tremendum*"⁵⁰, do "*majestas*"⁵¹, do

⁴⁵ BRANDT, Hermann. Eu sou o caminho, a verdade e a vida: a exclusividade do cristianismo e a capacidade para o diálogo com as religiões. *Estudos Teológicos*, vol. 42, n. 2, p. 5-22., 2002. p. 21-22.

⁴⁶ OTTO, 2007, p. 40.

⁴⁷ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 11. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

⁴⁸ KID ABELHA. *Na rua, na chuva, na fazenda*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/kid-abelha/447611/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

⁴⁹ OTTO, 2001, p. 40.

⁵⁰ OTTO, 2001, p. 44.

⁵¹ OTTO, 2001, p. 51.

“enérgico”⁵², do “fascinante”⁵³, do “assombroso”⁵⁴, do “santo” e do “*augustum*”⁵⁵, entre tantos outros que poderiam vir a ser citados e que já foram nomeados e os que ainda serão nomeados por outros autores.

O numinoso, o sagrado ou santo (Deus) é algo que se apresenta exterior ao ser humano, como uma casa, um quarto, uma igreja, uma cidade, um monumento, etc. sendo algo que envolve o mais íntimo dele, algo *que mexe com suas estruturas internas*, como aquela paixão platônica de adolescentes ou aquela música que se ouve muitas e muitas vezes. Mas o sentimento em relação ao sagrado é algo ainda mais forte. Mas como no sentimento de criatura, o sagrado é “um sentimento de ‘dependência absoluta’”⁵⁶ que “pressupõe uma sensação de ‘superioridade (e inacessibilidade) absoluta do numinoso”⁵⁷. Já que o ser humano sente, mas não pode “pegar” no sagrado, já que é ele que se mostra quando e onde quer para o ser humano, como a Moisés em Êxodo 3.⁵⁸

No entanto, consciente dessa dificuldade de se encontrar com Deus, o ser humano criou os símbolos e a linguagem para o ajudarem a ter esse encontro. Símbolos verbais e não-verbais. A natureza do sentimento numinoso se expressa exteriormente, mesmo não sendo possível se passar, a rigor, um sentimento de uma mente para a outra, mas sendo apenas ensinável.⁵⁹

Por isso:

O sagrado se instaura ao poder do invisível. E é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e as influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças e o próprio Deus. Quem, algum dia, viu qualquer uma dessas entidades?⁶⁰

Até se poderia perguntar, ceticamente, quem registrou todos os fatos enquanto Deus criava o mundo? Independente da resposta que se dê a essa pergunta, o ser humano continuará acreditando/tendo fé no numinoso. Mas a eterna busca por um espaço significativo equivale à busca de sentido da e na vida do ser humano. Já que esta é uma busca que se “experimenta

⁵² OTTO, 2001, p. 55.

⁵³ OTTO, 2001, p. 68.

⁵⁴ OTTO, 2001, p. 79.

⁵⁵ OTTO, 2001, p. 90.

⁵⁶ OTTO, 2001, p. 43.

⁵⁷ OTTO, 2001, p. 43.

⁵⁸ ÊXODO. In: BÍBLIA, 2006, p. 82-83.

⁵⁹ OTTO, 2007, p. 100.

⁶⁰ ALVES, 2011, p. 27.

emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar⁶¹, e que se encontra em profunda sintonia com o espaço, ou seja, o local em que o ser humano vivência esse sentimento numinoso.

Poder-se-ia afirmar que o espaço sagrado ajuda e auxilia o ser humano nesse encontro com o numinoso, tendo muitas vezes um caráter ensinável e pedagógico. Isso se percebe claramente nas diferentes formas arquitetônicas e nas diferentes disposições dos espaços litúrgicos de diferentes comunidades religiosas. Cada qual quer expressar ou expressa uma teologia através dos espaços sagrados que remetem ao numinoso, assim tudo que há no espaço sagrado serve de ajuda para o ser humano neste encontro com Deus.

8 Concluindo

Chega-se assim, como uma trilha que chega ao seu ponto de chegada, ou que se pretende chegar. Partindo-se da criação de Deus somos todos sagrados! Ou não seríamos? O corpo é um espaço sagrado? A casa, a rua, o bairro também o são? Ou são lugares profanos?

Com estes prolegômenos pretendeu-se analisar o espaço que o ser humano ocupa e habita. Este espaço que pode ser o corpo, a casa, a rua, o bairro em que se mora/habita. Podem-se fazer inúmeras perguntas e afirmações. No entanto, fica claro que a devoção, a crença e a fé, em muito são paliativas em relação à ciência, que tudo justifica, interpreta e racionaliza, mas do outro lado fica a religião com seu sentimento numinoso, de algo totalmente outro que o ser humano procura compreender e expressar através dos espaços que ocupa.

Não se trata de racionalizar a religião para explicar a função do espaço vivencial e experiencial, mas ter em vista que o sentimento religioso atribui significado às realizações divinas e humanas. Um caminho é somente um caminho, como aquele pelo qual os discípulos iam conversando quando da morte de Jesus, pois eles estavam incrédulos de que Jesus havia ressuscitado. O texto bíblico sobre o caminho de Emaús (Lucas 24.3-35⁶²) “desperta” esse sentimento de perseverança e esperança, mesmo que Jesus não tenha sido reconhecido pelo corpo (espaço), ele pôde ser reconhecido pelo “arder do coração” (um sentimento numinoso). Cristãs e cristãos seguem firmes no seu caminho, na sua

⁶¹ ALVES, 2011, p. 120.

⁶² LUCAS. In: BÍBLIA, 2006, p. 20.

trilha à procura desse Jesus, à procura do local e do espaço para uma vivência e convivência com Deus e com o próximo.

Como Otto escreveu sobre a arquitetura gótica: "O gótico provoca um *encanto* em sua impressão, o que é mais do que impressão do excelso. [...] A torre da Catedral de Ulm [...] é sim numinosa"⁶³. E assim fica a pergunta: quem nunca passou ao lado de uma igreja e não *sentiu* um *sentimento numinoso*?

Referências

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 11. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

BELING, Éder. *O espaço sagrado: Em busca de sentido da e na construção do espaço eclesialístico*. São Leopoldo: EST, 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teologia).

BERTHIER, Jacques. Glória. In: IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Hinos do povo de Deus: hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Porto Alegre: IECLB, 2005. p. 346.

BÍBLIA de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BRANDT, Hermann. Eu sou o caminho, a verdade e a vida: a exclusividade do cristianismo e a capacidade para o diálogo com as religiões. *Estudos Teológicos*, vol. 42, n. 2, p. 5-22., 2002.

CARDOSO, Alianna Caroline Sousa. Resenha 2: O que faz o Brasil, Brasil?: essa e outras verdades do jeitinho brasileiro. Disponível em: <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=56>. Acesso em: 11 jul. 2013.

CASSIRER, Ernest. *Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

CUNHA, Gladson Pereira da. A simbologia mortuária pomerana: simbolismos e significados dos elementos componentes dos cemitérios pomeranos na região de Santa Maria de Jetibá. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 72-99, 2011.

DAMATTA, Roberto. *A casa & e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

⁶³ OTTO, 2011, p. 107. Veja o Anexo 01.

DEIFELT, Wanda. Corpo/corporalidade/corporeidade. In: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KID ABELHA. *Na rua, na chuva, na fazenda*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/kid-abelha/447611/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.